

Introdução: Desde 2004, o Ministério da Saúde possui um programa de ação governamental chamado Brasil sem Homofobia que preconiza o direito à saúde, visando o atendimento e o tratamento igualitários independentes da sexualidade. **Objetivo:** Buscamos compreender como os futuros médicos estão (ou não) sendo preparados para lidar com a diversidade de identidades e práticas sexuais com que irão se defrontar nos serviços de saúde. Analisar de que forma os acadêmicos projetam para sua atuação profissional futura seus valores e comportamentos. **Metodologia:** O estudo teve um delineamento quantitativo, onde entrevistas estruturadas foram aplicadas a 285 estudantes de medicina de uma universidade do Rio Grande do Sul. Acadêmicos do 1º ao 12º semestre foram convidados a responder um questionário auto-aplicado sobre como percebem a sua formação acadêmica, por um lado, e sobre suas crenças, valores e comportamentos, por outro. **Resultados:** A pesquisa indicou que 74,4% dos alunos se consideram preconceituosos, e que esse sentimento se manifesta de maneira muito mais implícita (72%) que explícita. Homens foram muito mais preconceituosos que mulheres. Embora a maioria dos entrevistados concorde que a homofobia influencia no diagnóstico (66%), poucos são os que interferem ao presenciar uma situação de discriminação em um serviço de saúde (23%). O perfil do acadêmico e suas concepções não mudam durante o decorrer do curso, indicando baixa influência por parte desse nesses aspectos. A maioria dos entrevistados acredita estar apto a atender um paciente homossexual (77,2%). **Conclusão:** O aluno de Medicina reproduz (pré)conceitos do senso-comum, que tendem a reforçar padrões de discriminação vigentes na sociedade. Os dados revelam assim a insuficiência na abordagem do tema na faculdade, reforçando relações desiguais e preconceituosas no atendimento médico.